



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

A MASCULINIDADE EM CRISE: os tropes narrativos em *Crazy Ex-Girlfriend*

Nayara Helou Chubaci Güercio¹

Victor Lemes Cruzeiro²

Resumo: A série televisiva estadunidense *Crazy Ex-Girlfriend* traz em seu elenco os personagens masculinos em crise Josh Chan, Greg Serrano, White Josh e Nathaniel Plimpton III que ora reforçam, ora rompem com *tropes* narrativos.

Palavras-chave: Tropes narrativos; Masculinidade; Gênero; Audiovisual; Narrativa seriada.

A série estadunidense de “dramédia”³ musical *Crazy Ex-Girlfriend* (2015) (CXG), apesar de seu título aparentemente estereotipado e anti-feminista, é um desmantelamento dos conhecidos arquétipos das narrativas propostas por comédias românticas, musicais e produtos de cultura pop. Rebecca Bunch (Rachel Bloom) é uma mulher que trabalha em um renomado escritório de advocacia na cidade de Nova Iorque. Após um encontro casual com Josh Chan (Vincent Rodriguez III), seu ex-namorado de dez anos atrás e antiga paixão adolescente, a protagonista decide deixar seu prestigiado emprego e muda-se para a cidade de West Covina, Califórnia, onde — “por acaso” — Josh mora. O novo objetivo de vida para Rebecca é ser feliz por meio do amor romântico. Em West Covina, Rebecca constrói sua vida do zero, criando novas relações com os personagens Josh Chan, Greg Serrano (Santino Fontana), White Josh (David Hull) e Nathaniel Plimpton III (Scott Michael Foster) que,

¹ Mestra em Comunicação (área de conhecimento: “comunicação e sociedade”) desde fevereiro de 2018. Dissertação desenvolvida na linha de pesquisa “imagem, som e escrita”, pela Universidade de Brasília (UnB). Orientadora: Dr^a Tânia Siqueira Montoro. guercio.nayara@gmail.com

² Mestre em Comunicação (área de conhecimento: “comunicação e sociedade”) desde fevereiro de 2018. Dissertação desenvolvida na linha de pesquisa “imagem, som e escrita”, pela Universidade de Brasília (UnB). Orientador: Gustavo de Castro e Silva. victorlcruzeiro@gmail.com

³ O termo “dramédia” é utilizado pela atriz e roteirista da série, Rachel Bloom, para definir um novo gênero audiovisual que incorpora elementos do drama e da comédia.

Anais da II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Realizada de 15 a 17 de agosto de 2018.



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

respectivamente, representam os seguintes *tropes* narrativos: *boy trouble*, *boy(friend)*, *stupid hot guy* e *manic pixie dream seeker*.

É preciso ressaltar, no entanto, que não há um cânon sobre personagens de TV. Conforme o produtor estadunidense Damon Lindelof, co-criador e roteirista da série *Lost* (ABC, 2004-2010): “é tudo sobre personagem, personagem, personagem... Tudo tem que estar à disposição dessas pessoas. Esse é o ingrediente secreto do *show*” (MITTELL, 2015, p. 114, tradução nossa). Assim, não há um *trope* único para cada personagem, mas uma amálgama que, com a dinâmica certa, acaba por atender as expectativas da narrativa e capitalizar o espectador.

No caso de *CXG*, os personagens masculinos se utilizam de uma série de atitudes que fogem dos lugares-comum esperados de seus *tropes* específicos, desenvolvendo atitudes variadas e mesmo inesperadas. Assim, os personagens Josh Chan, Greg Serrano, White Josh e Nathaniel Plimpton III realizam, com sucesso — dentro do universo narrativo bastante único de *CXG* — o que Jason Mittell chama de *identificação*: o processo pelo qual os espectadores se identificam com uma personagem — dinâmica e ativamente — não apenas dentro do seu núcleo, mas de episódio para episódio, através de saltos e lacunas que vão sendo preenchidos pelas pistas e recompensas que a personagem oferece (MITTELL, 2015, p. 127).

O objetivo deste trabalho é discutir algumas maneiras em que a série desmantela, por meio dos personagens masculinos, os *tropes* narrativos ora evidenciados. Em um curioso equilíbrio entre personagens que, ora ratificam, ora rompem com os estereótipos contemporâneos da masculinidade, a série explora a complexidade do masculino no audiovisual de maneira cômica e, ao mesmo tempo, ricamente crítica.

Apesar de o objeto deste projeto ser uma série televisiva, como método de trabalho, foi utilizado o manual de análise crítica de filmes de John Lewis (2012). Foram conjugadas duas categorias de análise: (1) auto-afirmação da masculinidade e (2) vulnerabilidade masculina. Para que este estudo fosse realizado com o máximo de detalhamento possível, para



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

cada categoria de análise, foram discriminados fragmentos de alguns episódios da série, aqui considerados importantes na tradução do todo da obra analisada.

Para discutir masculinidade, a pesquisa apoia-se nos livros *A dominação masculina* (2007) de Pierre Bourdieu e *As transformações da intimidade - Sexualidade, amor e erotismo* (1993) de Anthony Giddens. Para compreender e discutir teoria televisiva, este trabalho pauta-se nas obras de *Storytelling in Film and Television* de Kristin Thompson e *Complex TV – The Poetics of Contemporary Television Storytelling* (2003) de Jason Mittell (2015), que exploram o fenômeno narrativo na televisão contemporânea. Para a análise dos fragmentos da série, utiliza-se o método de John Lewis (2012), que destaca a importância de se analisar o conteúdo das sequências filmicas.

Por meio da sátira e do exagero, *CXG* expõe e critica as expectativas irrealistas não apenas de mulheres, mas também de homens, através das pequenas desconstruções dos *tropes* de suas personagens. Ao atribuir a busca do amor romântico a uma condição psicológica de Rebecca (o epíteto *crazy* – louca – se refere a ela), evidenciar e quebrar com os *tropes* narrativos vividos pelos personagens masculinos, a série abre pequenas rupturas nessas barreiras epistemológicas e culturais.

Assim, *Crazy Ex-Girlfriend* busca confrontar, fazendo rir e expondo criticamente, as crises da sociedade ocidental norte-americana (e por quê não também ocidental?), bem como o que esta espera das mulheres e dos homens, tanto do lado conservador do espectador, quanto dentro das próprias discussões feministas, por exemplo.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro - RJ: Bertrand Brasil, 1989.

GIDDENS, Anthony. **The Transformation of Intimacy – Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies**. Stanford: Stanford University Press, 1992.

Anais da II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Realizada de 15 a 17 de agosto de 2018.



II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

LEWIS, John. **Essential Cinema: An Introduction to Film Analysis**. Boston: Cengage Learning, 2014.

MITTEL, Jason. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**. New York: New York University Press, 2015.

THOMPSON, Kristin. **Storytelling in Film in Television**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Anais da II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Realizada de 15 a 17 de agosto de 2018.